



ISSN 2177-2940  
(Online)

ISSN 1415-9945  
(Impresso)

## O Levante da Cortina de Ferro

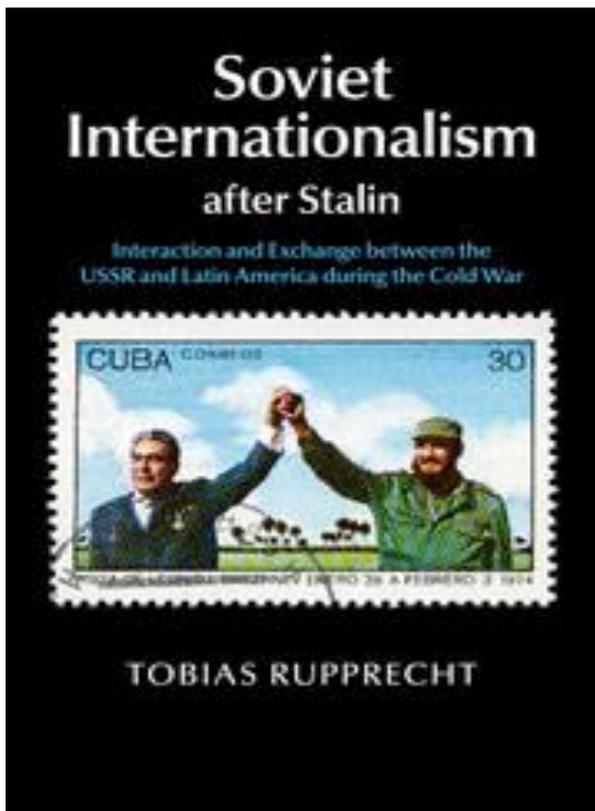
<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i1.42365>

José Victor Lara

Pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente Labtempo – UEM, [josevictorlara@gmail.com](mailto:josevictorlara@gmail.com)

Resenha recebida em 13/04/2018. Aprovada em 20/04/2018

RUPPRECHT, Tobias. Soviet Internationalism after Stalin: interaction and exchange between the USSR and Latin America during the Cold War. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. 334 p.



No verão de 1957 a União Soviética recebeu mais de 30 mil jovens do mundo todo

reunidos para o Sexto Festival Mundial da Juventude em Moscou. Os soviéticos se apresentavam para o mundo de uma nova forma, na tentativa de mostrar um socialismo renovado e muito mais humano, antagonizando com os anos de Josef Stalin no poder. Moscou não era uma capital comunista sombria e atrasada, mas uma cidade moderna e colorida. Durante o festival, todos os cinemas, circos, exposições, eventos esportivos e transportes públicos foram abertos ao público. Os partidos comunistas em todo o mundo foram instruídos a enviar tantos jovens não-comunistas quanto possível, a ideia é que todos poderiam participar independente das convicções políticas e religiosas. Os tradicionais símbolos da foice e do martelo e as faces de Stalin e Mao Tsé-Tung deram lugar à pomba branca de Pablo Picasso sob o lema “por paz e amizade”. Ainda em Moscou, criaram a Rádio Festival que transmitiu sua programação em espanhol e com diversas músicas latinas, o evento era todo voltado aos jovens do chamado Terceiro Mundo.

Esse cenário compõe um quadro muito diferente do que costumamos pensar sobre a União Soviética e a sua relação com a América Latina, e é apenas um dos episódios que Tobias Rupprecht narra nesse trabalho de fôlego. A visão de um Estado Soviético amplamente isolado e idiossincrático é rompida e o autor

oferece uma nova perspectiva para os anos pós Stalin. Uma URSS sincronizada com as mudanças globais de seu tempo e que conceitua, após 1952, uma nova concepção de internacionalismo. Rupprecht entrelaça diversas histórias de intelectuais, estudantes, figuras políticas, artistas soviéticos e latino-americanos, narrando seus encontros com o "outro" durante a década de 1950 até 1980 iluminando esse "relacionamento a distância" que ocorreu fora dos níveis estatais.

Tobias Rupprecht é um jovem professor de História da América Latina e Caribenha na Universidade de Exeter, no sudeste da Inglaterra. É um dos poucos historiadores que ainda praticam uma História Global rigorosa e metódica. Seus assuntos de interesse transitam entre política externa soviética no Terceiro Mundo, internacionalismo socialista, a Nova Esquerda na Europa e as ditaduras latino-americanas. Rupprecht mantém laços com universidades na América Latina onde já atuou como professor visitante.

O livro se baseia na literatura existente sobre as relações soviético-latino-americanas, muito estudadas nos anos 80, mas é o primeiro a aplicar uma perspectiva transnacional, analisando as interações entre as duas, ao invés de realizar comparações macro-históricas. Outra peculiaridade importante é que consiste no primeiro estudo baseado em material arquivístico soviético. O autor manipulou uma extensa documentação sobre trocas culturais, intelectuais e científicas oficialmente organizadas nos arquivos do Estado russo e do Partido Comunista. O livro ainda é composto por entrevistas e livros de memórias, diários de viagens, revistas científicas e populares, jornais, contos de ficção, peças de teatro, poesias, músicas e filmes de arquivos russos, latino-americanos e ocidentais.

Em linhas gerais, Rupprecht descreve o impacto dessa nova concepção de internacionalismo na sociedade soviética buscando como a população enxergava o lugar

da URSS no mundo e seu papel na política de reintegração científica, intelectual e cultural na comunidade global. Para o autor, esse internacionalismo era uma reinterpretação de um ponto fundamental para os bolcheviques entre 1920 e 1930 e que foi esquecido após a morte de Lênin e a expulsão de Trotsky. O isolamento extremo sucumbiu com a morte de Stalin e o internacionalismo emergiu na elite política e intelectual soviética como um novo componente fundamental do projeto socialista.

Para entender essa nova perspectiva, Rupprecht construiu uma lente partindo da América Latina. Segundo o autor, os contatos soviéticos com os latino-americanos são particularmente adequados para elucidar o papel das convicções e da ideologia, em oposição às considerações geoestratégicas, pois, ao longo da história da política externa soviética a América Latina era geralmente a menor das prioridades. No entanto, o subcontinente era interessante para muitos comunistas soviéticos, é nele que se funda o primeiro partido comunista fora da Rússia, no México; foi onde, pela primeira vez desde a Revolução de Outubro, ocorreu uma revolução socialista sem interferência da URSS, em Cuba; e foi um país latino-americano que, em primeiro lugar, um presidente marxista chegou ao poder por via eleitoral, no Chile.

Partindo de uma perspectiva de história transnacional, *Soviet Internationalism after Stalin* demonstra muitas proximidades entre o bolchevismo russo e o populismo latino-americano; ambos assumiram a promessa de envolver tanto os camponeses como os marginalizados social e etnicamente nas suas reformas fundamentais. Tanto a União Soviética como a maioria dos estados latino-americanos, predominantemente eram sociedades agrárias com instituições democráticas fracas e que embarcaram em projetos de modernização encabeçados pelo Estado e baseados na mobilização de massas. Tanto a economia planificada soviética como a substituição de importações na América Latina a partir da

industrialização, objetivavam proporcionar independência diante da economia mundial – e, contraditoriamente, criou as bases do domínio autoritário. Depois de superar essas ditaduras em meados da década de 1950, a União Soviética e a América Latina experimentaram uma década de confiança política e econômica. Os programas de modernização ambiciosos e agitados pararam em meados da década de 1960, quando os autócratas conservadores substituíram reformadores populistas na URSS e em alguns dos mais importantes estados latino-americanos. Essa sincronia, por sua vez, terminou na década de 1980, quando seus modelos econômicos se mostraram incapazes de lidar com as transições necessárias para as sociedades pós-industriais.

Ao submeter essas percepções ao escrutínio crítico dos documentos, Rupprecht cita uma carta que Oleg Ignat'ev, chefe da agência de notícias soviética *Sovinformburo* na Argentina, escrita aos seus superiores em Moscou em março de 1957. O documento continha quarenta "sugestões para o fortalecimento da propaganda soviética na América Latina" onde Ignat'ev exigiu que as atividades soviéticas se tornassem mais profissionais e eficientes. O foco não deveria estar em questões políticas, mas na literatura, cultura e geografia soviéticas. As agências de notícias deveriam se concentrar nos círculos progressistas que não tivessem ligação com comunistas. Outras sugestões de Ignat'ev é que todos os funcionários das instituições soviéticas fossem soviéticos, desde tradutores até os motoristas. Todos deveriam usar relógios soviéticos, escrever com canetas soviéticas, dirigir carros soviéticos e fumar cigarros soviéticos. Para o chefe da agência a URSS deveria se espelhar nos Estados Unidos que, segundo ele, tinham inúmeras equipes em suas embaixadas que lidavam unicamente com assuntos culturais.

Este trabalho analisa as interações abaixo do nível estatal, além da dimensão puramente política das relações internacionais e coloca em

evidência o papel desempenhado pelo intercâmbio cultural e as correntes culturais no desenvolvimento da União Soviética. Em muitos aspectos, a sociedade soviética estava em sintonia com o desenvolvimentos globais a partir de meados da década de 1950, e no mundo da cultura ainda mais do que na economia ou na política.

Rupprecht preenche uma lacuna importante colocando a história emaranhada da União Soviética e da América Latina no contexto de uma história multipolar da Guerra Fria. Demonstrando que os desenvolvimentos integrativos internacionais na história da segunda metade do século XX foram engendrados não apenas pelo Ocidente e sob os termos ocidentais, mas influenciados por uma constante pressão do mundo socialista. Uma visão latino-americana da URSS nos ajuda a entender os fatores atraentes e, portanto, coesos do sistema soviético. Nos olhos de muitos Estados Latino-Americanos de diferentes contextos políticos e sociais muitos traços do estado soviético eram atraentes aos seus projetos internos de modernização e esse é um aspecto fundamental para entender a paranóia anticomunista no subcontinente, apoiada e financiada pelos Estados Unidos.

A maior contribuição de *Soviet Internationalism after Stalin* é que sua análise confronta a visão de uma cautelosa abertura da sociedade soviética depois de 1953 como uma história da ocidentalização gradual. O internacionalismo foi reavivado como um meio político para promover o modelo soviético da sociedade moderna. Mostrando uma atitude um tanto paternalista em relação ao Sul global, o Kremlin já não defendia a derrubada violenta de governos. Na verdade procurou conquistar políticos anti-imperialistas no Terceiro Mundo, atraindo intelectuais de diferentes tendências políticas e concentrando suas forças em formar elites amigáveis ao projeto soviético. Todas as descobertas deste livro corroboram que os avanços soviéticos na América Latina foram um empreendimento bem sucedido e auto-afirmativo até pelo menos a década de 1970.